

NOVO MERCADO DE GÁS

Governo enfrenta monopólios

Plano será lançado terça-feira com objetivo de ampliar concorrência e buscar reindustrialização

Brasília – O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, apresentará na terça-feira, na Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado, as medidas que serão tomadas pelo governo no Programa Novo Mercado de Gás. O plano tem como principal pilar o enfrentamento de monopólios que dominam há anos o setor – principalmente as distribuidoras, que atuam em estados, e a Petrobras. A ideia é criar um ambiente de mercado, com mais concorrentes, e aproveitar o aumento da oferta do gás das áreas do Pré-Sal para tentar reindustrializar o país.

A meta do ministro da Economia, Paulo Guedes, é reduzir o preço do gás pela metade. Hoje, a indústria paga 12 dólares por

milhão de BTUs, mais que o dobro do valor pago nos EUA, de 4 dólares, segundo dados da Associação Brasileira de Grandes Consumidores de Energia (Abra-ce). Para a entidade, preços competitivos podem adicionar 1% de alta anual ao Produto Interno Bruto (PIB) e gerar 12 milhões de empregos em dez anos.

Diferentemente do governo Temer, que tentou promover a abertura do mercado de gás via lei no Congresso, a gestão Bolsonaro aposta em medidas infralegais, que dispensam aprovação dos parlamentares. Para isso, conta com o apoio do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP).



Ministro Bento Albuquerque

Desta vez, o governo tem a Petrobras como aliada, já que a companhia quer concentrar investimentos em produção e ex-

ploração em águas profundas e reduzir suas participações em dutos, distribuidoras e refinarias. Embora não seja a única produtora, a estatal é dona da maioria dos gasodutos. E apesar de ter vendido sua malha no Sudeste – NTS e TAG –, manteve o carregamento e o direito de ocupá-los, o que, na prática, a mantém como única usuária.

Para o presidente da Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (Abegas), Augusto Salomon, “a destruição dos serviços locais de gás canalizado, um ativo do Estado, e o ‘desincetivo’ à expansão da infraestrutura de rede, não são um caminho positivo. Não atraem investimentos, não gera empregos, renda e arrecadação. As térmicas são importantes, mas a indústria é mais”.

BNDES

Caixa-preta no foco do diálogo

Rio – A AFBNDES, associação que representa os funcionários do BNDES, receberá o futuro presidente Gustavo Montezano, “aberta ao diálogo”, mas com preocupações em relação aos objetivos de abrir a suposta “caixa-preta” e de devolver empréstimos à União de forma acelerada. A avaliação é do vice-presidente da associação, Arthur Koblitz. Segundo ele, essas foram as duas razões alegadas para a pressão sobre Joaquim Levy, que pediu demissão após críticas públicas do presidente Jair Bolsonaro. “Escolheram dois péssimos motivos para afastar Levy”, afirmou Koblitz, durante ato contra a retirada da destinação dos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) como fonte de financiamento do BNDES. Hoje, 40% da receita anual do FAT são empregados ao BNDES. A ideia de mudar a destinação está no relatório da PEC da Reforma da Previdência.

MERCADO

Ibovespa bate nova marca recorde

São Paulo – O Ibovespa, principal índice de ações brasileiro, operou a sexta-feira em alta firme e bateu um novo recorde histórico, acima dos 102 mil pontos, mesmo em um pregão pós-feriado, fraco de notícias locais. Na semana, acumulou ganho de 4,05%, a maior elevação na comparação

com a última semana de dezembro de 2018. O índice fechou em alta de 1,7%, aos 102.012,64 pontos. O volume de negócios chegou a R\$ 18,6 bilhões, considerado bom para um pregão entre um feriado e um fim de semana, normalmente marcado por fraca liquidez.

Influenciado especialmente por

um enfraquecimento global, o dólar comercial no balcão fechou o dia com a terceira retração consecutiva, em R\$ 3,8252 em baixa de 0,62% e no menor patamar desde o dia 10 de abril. Com o resultado, a moeda norte-americana acumulou na semana desaceleração de 1,90% em relação ao real.

MACBOOK PRO

Apple chama para recall

San Francisco – A Apple anunciou recall de várias unidades do MacBook Pro pelo risco de superaquecimento das baterias. A chamada afeta o MacBook Pro com tela de retina de 15 polegadas vendido entre setembro de 2015 e fevereiro de 2017, disse a empresa, acrescentando que tro-

cará as baterias sem custo. Vários países são afetados. Na China, onde houve seis relatos de superaquecimento, 63 mil unidades podem apresentar o problema. Usuários podem acessar um site específico e inserir os números de série de seus computadores e ver se eles foram afetados.



28/6

ENTRADA
DOAÇÃO DE
AGASALHOSAIBA MAIS EM
www.caars.org.br

REALIZAÇÃO



A resposta é simples. O medo provém do terrorismo ambiental, hoje sustentado por dois motivos: o primeiro é o discurso sobre a poluição do meio ambiente e a destruição da camada de ozônio, e o segundo, a desinformação sobre a tecnologia atual que controla exatamente o pânico difundido no primeiro item. Bastou o governo gaúcho, através de seus governadores Tarso Genro (PT), José Ivo Sartori (MDB) e Eduardo Leite (PSDB), voltar a se interessar por essa fabulosa riqueza subterrânea do RS que, imediatamente, as reconhecidas milícias ambientalistas entraram em ação para boicotar a retomada da mineração de nosso carvão. Isso ocorreu mesmo que a tecnologia antipoluição seja a principal preocupação dos novos investidores interessados na mineração carbonífera gaúcha.

O projeto sobre o Polo Carboquímico-RS está cercado de todos os mecanismos de proteção ambiental – os mais modernos existentes no planeta – por uma razão lógica: todos os investimentos neste segmento econômico estão sob rigoroso controle internacional e quem o desrespeita sofre sanções que podem inviabilizar o êxito do empreendimento.

É preciso que se afaste o preconceito do ambientalismo xiita que nos coloca como se estivéssemos numa re-



ROGÉRIO MENDELSKI

rogerio@radioguaiba.com.br

Quem tem medo do nosso carvão?

publiqueta africana, onde as riquezas naturais são exploradas com mão de obra escrava, sob controle de algum ditador de plantão, alimentado pela corrupção que sempre dominou o sistema extrativista africano. A implantação do Polo Carboquímico só se torna incompreensível para quem, além do discurso ambientalista, também agrega argumentos que descambam para conteúdos ideológicos e partidários. Explico. Os conteúdos ideológicos

antipolo fazem parte de uma cartilha internacionalista que após a queda do Muro de Berlim foi adotada pela “neoesquerda” para enfrentar o “neoliberalismo”. Algo como a luta de classes do novo século que no Brasil encontrou aliados com a turma do quanto pior melhor, esta agasalhada nos partidos de extrema-esquerda especialmente depois da derrota eleitoral do ano passado. Mais uma vez, os interesses nacionais identificados como políticas de Estado, são maldosamente desviados como se fossem políticas de qualquer governo que não seja de esquerda.

O Rio Grande do Sul, particularmente, vem sofrendo com esse desvio político-ideológico, esse grenalismo atrasado que insiste em conviver entre nós como se ainda estivéssemos nos séculos passados quando quem não fosse Maragato era Pica-pau. Talvez uma campanha de esclarecimento dirigida ao povo gaúcho – o principal beneficiário do Polo Carboquímico – sirva para provar que um empreendimento dessa envergadura, explorando o carvão abaixo de nosso solo, jamais será um problema, mas uma solução com clarinas de despertar de um novo ciclo para nossa economia. A pajelança ideológica não pode vencer a tecnologia do século 21.

Riqueza x pobreza (1)

O presidente da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, Luiz Roberto Ponte, define com clareza o significado do Polo Carboquímico em nosso Estado: “Vamos explorar a riqueza do carvão para erradicar a pobreza”.

Riqueza x pobreza (2)

A Região Carbonífera vive uma prolongada crise de emprego e isso traz, como consequência, a miséria, algo intolerável na opinião de Luiz Roberto Ponte. “E o primeiro passo é acabar com ela”, diz Ponte.

Riqueza

x pobreza (3)

Pobreza não termina apenas com solidariedade. Ponte: “Pobreza se acaba com riqueza, com empreendimentos que geram empregos e estimulam novos negócios. O Polo Carboquímico quer oferecer isso aos gaúchos”.

Sem ideologia

Luiz Roberto Ponte conhece o projeto do Polo e sabe que a sustentabilidade ambiental é a principal preocupação do projeto, mas espera que não haja retardamento nas licenças ambientais. Ou como disse o secretário Artur Lemos, do Meio Ambiente e Infraestrutura: “Precisamos tirar a ideologia do debate”.

No túnel do tempo

O governador Amaral de Souza já pensava, em 1979, num Polo Carboquímico como o existente na África do Sul. O projeto foi deixado de lado porque não havia tecnologia para um desenvolvimento sustentável. Quarenta anos depois, qualquer projeto nesse sentido tem à disposição os avanços tecnológicos necessários para a total proteção do meio ambiente.